

“Sexualidade e prevenção do HIV” em jogo: diálogos entre adolescentes de uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil

“Sexuality and HIV prevention” at stake: dialogues between adolescents at a public school in Rio de Janeiro, Brazil

Sexualidad y prevención del VIH” en juego: diálogos entre adolescentes en una escuela pública de Río de Janeiro, Brasil

Adriana Kelly Santos <https://orcid.org/0000-0001-6606-0020>¹; Iaralyz Fernandes Farias <https://orcid.org/0000-0002-2515-612X>²

Resumo Esta pesquisa qualitativa, realizada entre 2015 e 2018, corrobora as iniciativas de comunicação e educação sobre prevenção do HIV. Com a perspectiva intersetorial e territorial, o estudo pretende descrever a metodologia empregada na produção compartilhada de um jogo de imagens, com 36 cartas e regras de jogabilidade, construído com estudantes do curso de formação de professores das séries iniciais de uma escola pública de ensino médio, situada no Rio de Janeiro, Brasil. Também busca discutir como eles/as significam as relações entre sexualidade, saúde e prevenção do HIV. O método da problematização freireano orientou a observação direta e as intervenções no cotidiano escolar. Foram discutidos temas de interesse dos/as jovens: estratégias de “desconstruções” da perspectiva biomédica-prescritiva e heteronormativa, hegemônica nos discursos sobre a sexualidade e prevenção ao HIV; preservativo feminino; significados das terminologias soropositivo para o HIV, sorodiferentes e carga viral (CD4 e CD8); testagem; PrEP e PEP; tratamento e efeitos colaterais medicamentoso. Conclui-se que a metodologia adotada viabilizou a educação entre e por pares e a criação do jogo “Sexualidade e prevenção do HIV”, de modo contextualizado e interativo.

Palavras-chave Adolescentes, Comunicação e educação em saúde, Sexualidade, Prevenção do HIV, Jogos educativos

Abstract This qualitative research was conducted from 2015 to 2018 and corroborates communication and education initiatives on HIV prevention. With an intersectoral and territorial perspective, the study aims to describe the methodology used in the shared production of an image game, with 36 cards and gameplay rules, built with students from the teacher training course for the initial grades, from a public high school, located in Rio de Janeiro, Brazil. It also aims to discuss how they understand the relationship between sexuality, health and HIV prevention. The Freirean problematization method guided direct observation and interventions in everyday school life. Topics of interest to young people were discussed: strategies for “deconstructing” the biomedical-prescriptive and heteronormative perspective, hegemonic in discourses on sexuality and HIV prevention; female condoms; meanings of the terms HIV-positive, serodifferent, and viral load (CD4 and CD8); testing; PrEP and PEP; drug treatment and side effects. The conclusion is that the methodology adopted enabled peer-to-peer education and the creation of the game “Sexuality and HIV prevention”, in a contextualized and interactive way.

Key words Adolescents, Communication and health education, Sexuality, HIV prevention, Educational games

Resumen Esta investigación cualitativa, realizada entre 2015 y 2018, corrobora iniciativas de comunicación y educación sobre prevención del VIH. Con una perspectiva intersectorial y territorial, el estudio tiene como objetivo describir la metodología utilizada en la producción compartida de un juego de imágenes, con 36 cartas y reglas de juego, construido con estudiantes del curso de formación docente de grado inicial de una escuela secundaria pública ubicada en Río de Janeiro, Brasil. Asimismo, busca discutir cómo entienden las relaciones entre sexualidad, salud y prevención del VIH. El método de problematización de Freire guió la observación directa y las intervenciones en la vida escolar cotidiana. Se discutieron temas de interés para los jóvenes: estrategias para “deconstruir” la perspectiva biomédica-prescriptiva y heteronormativa, hegemónica en los discursos sobre sexualidad y prevención del VIH; condón femenino; significados de las terminologías VIH positivo, serodiferente y carga viral (CD4 y CD8); pruebas; PrEP y PEP; Tratamiento farmacológico y efectos secundarios. Se concluye que la metodología adoptada posibilitó la educación entre y por pares y la creación del juego “Sexualidad y prevención del VIH”, de forma contextualizada e interactiva.

Palabras clave Adolescentes, Comunicación y educación en salud, Sexualidad, Prevención del VIH, Juegos educativos

¹ Laboratório de Educação, Ambiente e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Av. Brasil 4.365, Manguinhos. 21040-90 Rio de Janeiro RJ Brasil. adriana.santos@ioc.fiocruz.br

² Hospital Universitário Pedro Ernesto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro RJ Brasil.

Pistas iniciais, começando o jogo

Evocamos as palavras de Renato Russo na canção “Índios”: “[...] nos deram espelhos e vimos um mundo doente”, não apenas pelo brilhantismo do poeta que marcou a juventude dos anos de 1980 e 1990 e de sua luta contra a Aids, mas para, a partir dessa memória, mirarmos o espelho da atualidade que nos mostra a juvenilização do *human immunodeficiency virus* (HIV) no Brasil¹. Apesar dos avanços das biotecnologias de prevenção ofertadas no Sistema Único de Saúde (SUS)², ao compararmos os anos 2020 e 2022, o número de casos de infecção pelo HIV aumentou 17,2%, sendo 114.593 (23,4%) casos na faixa-etária entre 15 e 24 anos³. Frente a essa realidade alarmante, ainda teremos chance de desdizer o poeta?

Essa provocação permeou o estudo das inter-relações entre sexualidade e prevenção do HIV junto a estudantes do ensino médio da rede pública na cidade do Rio de Janeiro, tendo como base a produção compartilhada de um jogo de imagens sobre esses temas. O estudo, ao articular as áreas da educação e da saúde, reitera a relevância de parcerias interinstitucionais e intersetoriais envolvendo adolescentes/jovens, profissionais dessas áreas, representantes da sociedade civil organizada e da comunidade acadêmica na agenda da prevenção ao HIV⁴⁻⁶.

Com esse olhar, partimos da premissa de que a interação com e entre adolescentes/jovens é central para o entendimento das gramáticas e experiências relativas à sexualidade e à prevenção do HIV na juventude, atentando-se aos marcadores interseccionais como determinantes para epidemia do HIV⁴⁻⁸. Conforme nos ensina Foucault⁹, a experiência é qualquer coisa que nos transforma, e a partir dela é possível modificar o que se pensa e o que se é. O transformar a si também implica mudanças no modo de interagir com o outro e, nessa intersubjetividade, a atenção à circularidade dos sentidos – ao que é dito e/ou silenciado – permite o acesso às práticas forjadas nesse processo ético-estético⁹. Dessa forma, este artigo descreve o itinerário metodológico empregado na elaboração compartilhada do jogo de imagens “Sexualidade e prevenção do HIV” e apresenta a análise das interações com os/as adolescentes, narrando como, a partir de suas experiências, individuais e coletivas, eles/as constroem as gramáticas acerca da sexualidade e da prevenção ao HIV.

Percursos metodológicos: diálogos e bricolagens

Antecedentes da pesquisa: descobertas e consequências

O presente estudo de caso apresenta uma pesquisa-intervenção ocorrida entre 2015 e 2018 que, alicerçada na análise da micropolítica das práticas socioculturais^{10,11}, investigou as inter-relações entre sexualidade, saúde e prevenção do HIV em jovens matriculados no ensino médio público. Antecede este estudo a pesquisa, coordenada pela primeira autora entre 2011 e 2015, que averiguou os sentidos da prevenção do HIV/Aids presentes em 590 materiais educativos (cartilhas, cartazes, folhetos etc.) produzidos no âmbito do SUS e por entidades da sociedade civil organizada.

Entre esses materiais, apenas 18 se destinavam aos adolescentes/jovens, a maioria das mensagens reiteravam o discurso biomédico na abordagem da prevenção (“Use camisinha”), assim como na referência à adolescência e ao adolescente. Em termos de prevenção do HIV, endossavam o uso de preservativos (masculino e feminino) e a prevenção combinada (PC), essa última com menor ocorrência. Convergingo com essa evidência, estudos indicam que a comunicação sobre a PC na juventude é diminuta e representa um desafio^{1,6,12,13}.

Quanto aos discursos sobre a adolescência, essa era associada a uma “fase da vida”, a “mudanças hormonais” e às “diferenças anatômicas” entre os sexos; já o adolescente era representado como “rebelde”, “imaturo” ou “desprovido de conhecimento” em relação ao seu corpo, à sexualidade ou às tecnologias de prevenção. Em contraponto a essa semiose, de modo mais raro, circulavam mensagens vinculadas às perspectivas da saúde sexual e reprodutiva e aos estudos sobre gênero, aludindo à concepção da adolescência e do adolescente como uma construção social. Este sendo considerado “sujeito” com “direitos e deveres”, de “orientação sexual” e “identidade de gênero” distintas, “capaz de refletir” sobre “desejos”, “atitudes e comportamentos”, e aquela como uma “fase de transformação”, “descobertas” e de “responsabilidade”.

Essas evidências, discursivas e pragmáticas, justificaram a definição do objeto do estudo e fundamentaram a decisão de estar com os/as adolescentes para conhecer suas histórias de vida e compreender como eles/as significavam as relações entre saúde, sexualidade e prevenção ao HIV. Nesse diálogo, se averiguaria a corres-

pondência entre os aspectos identificados nos materiais educativos citados e as experiências dos jovens, e se produziria coletivamente um material comunicativo destinado a adolescentes. Tal escolha metodológica ganhou força frente à descoberta do jogo Dixit, do latim “Ele disse”. Comercializado pela empresa Galápagos, o jogo envolve raciocínio, criatividade, estratégia e adivinhação, convidando o jogador a narrar uma história, sem ser muito óbvia, a partir de uma carta. As cartas, por sua beleza estética surrealista, transportam o jogador ao mundo onírico e o convoca a interpretar as ilustrações a seu modo. O encontro com o Dixit nos fez pensar: estaria ali a chave para problematizar os jogos de verdades⁹ (“conjunto de regras de produção da verdade”) que alicerçavam as percepções dos adolescentes sobre as dimensões socioculturais, intersubjetivas e biológicas envolvidas nas interseções entre sexualidade e prevenção do HIV?

Territórios geográficos e interacionais

No rastro dessa ideia, no início de 2015, a partir de nossa rede pessoal, conhecemos uma escola estadual, localizada na região central do município do Rio de Janeiro, que oferecia o ensino médio para adultos no horário noturno e o curso de formação de professores para as séries iniciais (alfabetização e básico) no horário integral. A localização do colégio colaborava para a maior diversidade sociocultural, expressa no ingresso de alunos oriundos de diversos bairros do município e de cidades da região metropolitana, e na presença de pessoas de diferentes cores de pele, identidades de gênero e classe social (baixa e média); atributos que determinaram a escolha do território em questão como local de estudo.

Na escola existiam diversas pesquisas na área da saúde, o que em certa medida facilitou a recepção do estudo, embora fosse nítida a resistência a acolher “mais uma pesquisa”. Isso se devia à percepção de que alguns/as pesquisadores/as “usavam” a escola como parte de seus projetos (extensão/pesquisa), sem, contudo, se implicarem com as demandas escolares. Em conversa com a diretora, problematizamos as bases conceituais e metodológicas do estudo, apresentando nossa perspectiva de que a pesquisa é uma experiência em que os sujeitos intervêm no cotidiano estudado, ou seja, uma ação política pautada na reciprocidade e no respeito à alteridade^{9,10,11,14}.

Enfrentado esse percalço metodológico, após a aprovação do projeto por instâncias res-

ponsáveis, em setembro de 2015 começamos a observação etnográfica, ancorada nos estudos de gênero¹⁵ e nas análises das relações de saber-poder⁹ (Quadro 1). Essa etapa, transversal ao estudo, perdurou até 2018, consistindo na observação do cotidiano escolar, na definição dos participantes do estudo e no mapeamento dos discursos e percepções sobre sexualidade e prevenção ao HIV/Aids. Inicialmente, interagimos com representantes da gestão escolar (diretora, inspetora de alunos, coordenadora pedagógica), professores e alunos dos cursos de formação de professores e do ensino médio regular vislumbrando definir o perfil dos participantes do estudo. Observou-se que os integrantes do curso de formação de professores expressaram maior receptividade e disponibilidade para participar da pesquisa, sendo que esse grupo era constituído por adolescentes, público de interesse do estudo. Além disso, o curso abrigava projetos extracurriculares circunscritos ao nosso objeto, a exemplo do “Papo de jovem (PPJ)” (nome fictício), que discutia diversidade e equidade de gênero, racismo, intolerância religiosa e discriminação.

À luz dessas descobertas, convidamos para participar das etapas de observação e da oficina um professor de biologia e uma professora de história, ambos coordenadores do projeto PPJ, com idade entre 50 e 55 anos. O primeiro se autorreferiu negro e gay, a segunda, mulher cis e branca. Além deles, contamos com a presença de 30 alunos de uma das turmas do 2º e do 3º ano, um total de 60 discentes, e 20 integrantes do PPJ, com idades entre 16 e 18 anos, de diferentes identidades de gênero/orientação sexual, classe social, cores de pele e crença religiosa. Os alunos do PPJ também atuavam como multiplicadores no Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (PSE), ainda em curso na escola. À época, pós-golpe político que destituiu a presidenta Dilma Rousseff (2016), era nítido o desinvestimento no PSE e o avanço de uma agenda refratária ao debate de gênero nas escolas, inclusive no âmbito das ações de prevenção do HIV^{1,16}.

Em continuidade à etapa de observação, conhecemos os recintos do prédio de quatro andares, de modo a capturar as nuances desse cenário e as relações ali construídas. Concomitantemente, a leitura do projeto político pedagógico e da matriz curricular, aliada à participação nas atividades extraclasse, foi possível identificar a frequência, em que situações o tema sexualidade e prevenção ao HIV/Aids circulava e sob qual perspectiva. Essa estratégia nos permitiu acessar os discursos, saberes e práticas atinentes a essas temáticas, e também nos fez explorar

Quadro 1. Etapas da pesquisa: técnicas, atividades, local e participantes.

Etapas da pesquisa	
Atividades técnico-administrativas	<u>Primeiro semestre de 2015</u> - Submissão do projeto à Plataforma Brasil e sua aprovação (CAAE 9482114.8.0000.5241); - Submissão projeto ao Edital Faperj; - Contatos com a direção do colégio, negociando o desenvolvimento do projeto e sua aprovação; - Encaminhamento do projeto à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, para aprovação da pesquisa no Colégio. Após a aprovação retornamos ao Colégio para o início das atividades.
Observação etnográfica	<u>Segundo semestre de 2015</u> - Definição do local do estudo: após a autorização da Secretaria de Educação e da direção local, confirmamos que o estudo seria desenvolvido na Escola Normal (nome fictício); - Conhecimento do espaço geográfico do colégio - salas (de aula, da administração, dos professores e de projetos), quadras, cantina, banheiros, corredores, identificando as atividades promovidas nesses lugares; - Definição dos participantes inseridos na etapa de observação, envolvendo integrantes do curso de formação de professores - 2 professores, 60 alunos de uma das turmas de 2º e do 3º ano, respectivamente, e 20 integrantes do PPJ; - Leitura de documentos do curso de formação de professores, visando à identificação do tema da sexualidade e prevenção do HIV/Aids na grade curricular e sua distribuição; - Leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto aos participantes do estudo, maiores de 18 anos assinaram, e do Termo de Assentimento (TA), com estudantes menores de 18 anos, juntamente com seus pais. <u>Segundo semestre de 2015 e os anos 2016, 2017 e 2018</u> - Convivência com professores e alunos do curso de formação de professores, integrantes da comunidade escolar e convidados das atividades extraclasse, averiguando como o tema da sexualidade e prevenção do HIV/Aids é abordado e a percepção dos participantes a respeito do assunto. Entre as atividades citam-se “Feira de Biologia e Química”, “Sábado Solidário” (doação de sangue), Festival de Dança no Outubro Rosa, FERIA de literatura, Incorporação de novos alunos, Confraternizações; - Observação das atividades da Oficina Sexualidade e prevenção do HIV/Aids, descritas no Quadro 2.
Oficina “Sexualidade, saúde e prevenção do HIV”	- A Oficina transcorreu durante 2016, 2017 e 2018, envolvendo 2 professores e 110 alunos nas atividades destinadas ao mapeamento das percepções sobre sexualidade e prevenção ao HIV/Aids e à elaboração do jogo de imagens (cartas e regras de jogabilidade), além de sua validação (conteúdo, imagens, diagramação, tipo do jogo e regras, bem como o nome do jogo).

Fonte: Autores, com dados coletados durante as atividades de campo entre os anos 2015 e 2018.

os territórios institucionais e relacionais¹⁷ e des-cortinar o olhar “idealizado dos pesquisadores”, que pouco entendiam sobre as dinâmicas desse novo ambiente.

As descobertas provenientes das observações sedimentaram o caminho para a oficina “Sexualidade, saúde e prevenção do HIV”, realizada durante 2016 e 2018 nas instalações da escola, em dias e horários previamente estabelecidos. Em 2016, iniciamos a oficina com encontros semanais, durante a disciplina de biologia ou após o horário das aulas, com participação, em média, de 80 alunos e dois docentes que integraram a etapa de observação. Em 2017 e 2018, os encontros foram quinzenais, com o

mesmo grupo de alunos e professores, além dos convidados: uma enfermeira, cis hetero, branca, servidora pública federal que atua no cuidado a crianças e adolescentes que vivem com HIV, uma psicanalista e escritora, cis hetero e branca, um ativista que vive com HIV, homem gay e branco.

Nas atividades da oficina, a partir do método problematizador de Freire¹⁴, discutiram-se os aspectos subjetivos, socioculturais e biomédicos concernentes à sexualidade e à prevenção do HIV/Aids. Numa ambiência inventiva e interativa, usando diferentes formas de comunicação (cartas, bilhetes, jogos, textos narrativos, rodas de conversa, desenhos, músicas), identificamos

os temas-geradores, acessamos as biografias dos adolescentes (percepções, conhecimentos, curiosidades, crenças, atitudes, afetos) e construímos um espaço de educação emancipatória^{14,17,18} (Quadro 2). À luz dessa reflexividade, em 2018 elaboramos as imagens das cartas e as regras de jogabilidade, que foram validadas por 40 alunos de uma das turmas do 3º ano, 20 do PPJ que participaram da oficina e 30 alunos de uma das turmas do 1º ano que não conheciam

o jogo (Quadros 3 e 4). Esse processo resultou no jogo “Sexualidade e prevenção do HIV”, com 36 cartas e as regras de jogabilidade. O percurso metodológico, ora descrito, permite a replicação do estudo em escolas e unidades de saúde, estimulando a prevenção do HIV/Aids na juventude.

As informações foram registradas no caderno de campo. Para este artigo, procedemos à leitura transversal desses registros e à análise

Quadro 2. Oficina “Sexualidade, saúde e prevenção do HIV”: dinâmica, temas, objetivo e atividade.

Dinâmicas	Objetivo	Atividade em grupo
O semáforo	Identificar os temas de maior interesse relativos à sexualidade, HIV/Aids.	Escreva uma palavra ou uma pergunta relacionada a sexualidade, saúde e HIV/Aids.
Roda de conversa – o que dizem sobre os materiais de HIV/Aids?	Analisar o formato, conteúdo das mensagens, representações dos destinatários, diagramação etc.	Analise os materiais destacando as representações sobre o que é ser adolescente, a adolescência, sexualidade, diversidade de gênero, raça e religião, HIV/aids.
1º Mapa conceitual dinâmico I – o que é sexualidade?	Verificar o conhecimento prévio sobre o tema da sexualidade.	Desenhe um mapa mental que represente/defina o que é sexualidade.
Roda de conversa – “Baú de memórias”	Conhecer as histórias de vida.	Retire do “Baú de memórias” um dos papéis perfumados e escreva o que esse cheiro remete, evoque memórias e afetos da infância, do tornar-se adolescente, relações pais e filhos.
Roda de conversa – quebra-cabeça: o jogo e o jogar	Conhecer as representações do feminino e masculino; discutir o papel do jogo na sociedade, regras e dinâmicas.	Monte um quebra cabeça com o tema – Édipo e a Esfinge – discutindo as representações do feminino e masculino na cultura. Em seguida, discuta as modalidades do jogo (competição, cooperação).
Roda de conversa – “Cartas de um adolescente	Discutir o que é ser adolescente e a adolescência e as subjetividades em jogo.	Leia o texto Cartas de Adolescentes e discuta as dimensões subjetivas e culturais vivenciadas nessa fase da vida.
Roda de conversa – HIV/aids na infância e adolescência: o que conhecemos?	Conversar sobre o HIV: diagnóstico, prevenção, tratamento, dimensões subjetivas e sociais.	Escreva uma carta para uma pessoa que gosta, narrando as curiosidades, dúvidas e percepções sobre a prevenção do HIV, diagnóstico, tratamento, dimensões subjetivas e sociais, discutindo-os com a enfermeira especialista neste assunto.
2º Mapa conceitual dinâmico II – o que é sexualidade?	Identificar o aprendizado sobre o tema sexualidade.	Marque no mapa conceitual I – o que é sexualidade – os conteúdos que permanecem e acrescentem novos aprendizados.
Roda de conversa – “Como é viver com HIV?”	Discutir as interseções diversidade de gênero e práticas de prevenção ao HIV, com foco no autoconhecimento e autocuidado.	Discuta com um dos ativistas da Rede Jovem Rio de Janeiro a experiência de conviver com o HIV, abordando a diversidade de gênero, prevenção do HIV e autocuidado.
Rodas de conversa – validação do jogo Sexualidade e Prevenção do HIV	Analisar as imagens das 36 cartas, conteúdos, definir e testar as regras de jogabilidade; validar o jogo.	Analise as imagens das cartas segundo os aspectos: representações evocadas e correspondência com o contexto de vida; pertinência dos conteúdos, formato, cor, disposição das imagens. Valide as regras do jogo.

Fonte: Autores, com dados da oficina “Sexualidade, saúde e prevenção do HIV”, 2016 a 2018.

Quadro 3. Etapas de elaboração das cenas da carta.

Processo de elaboração/carta	
Processo de elaboração	Em 2017, com base nas análises das etapas da observação etnográfica e da oficina, as autoras e um bolsista colaborador do projeto, mestre em ciências sociais e grafiteiro, iniciaram o processo de criação das cenas das cartas, que contemplou: 1) elaboração de um quadro no programa o Word elencando, em colunas distintas, os temas geradores, palavras-chave, expressões, frases e ideias discutidas no decorrer das etapas supracitadas; 2) definição dos objetivos concernentes a cada uma das cartas, conforme os temas/descriptores indicados; 3) acesso ao Google imagem, nos campos “Ferramentas”, “Direitos de uso”, “Marcadas para reutilização com modificação”, para a captura de imagens, fotografias, ilustrações e gravuras, de domínio livre; 4) escolha das imagens, entre as 100 coletadas, que seriam reutilizadas e editadas no programa Photoshop CS6; 5) composição das cenas enunciativa das 36 cartas, como exemplificado a seguir.
Carta Corpo	Objetivo: representar o corpo humano (biológico, social, cultural e subjetivo). Temas/buscadores: corpo humano. Feminino e masculino. Identidade de gênero – desenho do corpo humano (mulheres, de homens e transgêneros), esqueleto e músculo. Diversas imagens de obras de arte – pinturas e esculturas, como a clássica imagem do corpo humano de Leonardo Da Vinci, além de tatuagens, mulheres <i>pin-ups</i> e uma sereia travesti. 1ª versão  2ª versão validada 

Fonte: Autores, com dados das atividades de campo coletados entre os anos 2015 e 2018.

enunciativa^{11,19}, identificando-se os enunciados, expressões e frases, e posteriormente agrupando as categorias empíricas segundo as regularidades e raridades discursivas, a saber: tornar-se adolescente, sexo-sexualidade, diversidade de gênero, prevenção do HIV. A seção “Sexualidade e prevenção do HIV: intersecções e intervenções” discute a circularidade e a apropriação dessas categorias no contexto escolar. As falas dos interlocutores aparecem sinalizadas por siglas, indicando a posição social, seguida do número de inserção na pesquisa – A:1 adolescente; P:1 professor, M:1, mãe.

Sexualidade e prevenção do HIV em jogo: intersecções e intervenções

A escola: institucionalidades, saberes e poderes

A Escola Formação de Professores – EFP (nome fictício) ocupa um lugar de vanguarda na formação de professores das séries iniciais, o antigo magistério, desde sua criação na década de 1960, na ditadura cívico-militar brasileira. A arquitetura modesta abrigava a história desse território vinculando presente-passado. No corredor do primeiro andar se destacavam as memórias de sua fundação – quadros com fotografias da primeira turma de normalistas e

Quadro 4. Jogo Sexualidade e Prevenção do HIV: regras de jogabilidade.

Regras de jogabilidade	Cartas
Tipo de jogo: cooperação Objetivos: estimular cada participante a narrar uma história falando livremente as curiosidades, dúvidas, afetos e conhecimentos concernentes à temática sorteada. Regras de jogabilidade: sortear um tema de interesse; escolher o narrador que iniciará o jogo e um observador que anotará as narrativas em circulação; o jogador da vez embaralha e distribui as 36 cartas, orientando que cada jogador escolha entre as cartas recebidas àquela que dialoga com o tema sorteado; o jogador da vez solicita a cada jogador que disponha a carta, com a imagem virada para baixo, no centro da roda na sequência embaralha-as; o jogador da vez começa a partida narrando uma história a partir da carta escolhida, sem identificá-la e ao término solicita a outro jogador que continue a história a partir da carta escolhida, também sem indicá-la, e assim sucessivamente até todos complementarem a história; o jogador observador tenta adivinhar as cartas referentes a cada jogador, caso não adivinhe, outros jogadores farão sua aposta, e após esse momento abre a discussão sobre os assuntos narrados e finaliza-se a rodada.	     

Fonte: Autores, com dados coletados durante as atividades de campo entre os anos 2015 e 2018.

de premiações recebidas, além da placa comemorativa dos 50 anos da EFP, com os dizeres: “Ética humanista, autodisciplina, solidariedade, respeito aos limites necessários à boa convivência social, compromisso com uma educação pública, gratuita e de qualidade, respeito à diversidade cultural”.

Essa memória institucional era reatualizada no projeto político pedagógico e, com certa frequência, o discurso humanístico era ratificado nas falas de profissionais, estudantes e seus familiares, referindo-se à escola como uma “segunda casa”. Essa expressão nativa, por um lado, denotava a experiência de pertencimento àquela

cotidiano; por outro, incutia nas entrelinhas o papel do Estado-família no controle dos corpos nos espaços sociais. Na modernidade, o Estado instaurou, gradativamente, medidas educacionais, higiênicas e morais com o intuito de governar os saberes sobre a infância e a juventude, deslocando a centralidade da instituição família na tarefa de “educar” e “cuidar” das crianças e jovens²⁰.

Essa percepção engendrava, ao mesmo tempo, valores humanitários, morais e disciplinares na formação dos jovens, e por vezes a “segunda casa” era comparada a um “quartel”. Na cerimônia cívica de “incorporação” de novos alunos,

ritual semelhante à “condecoração militar”, os alunos trajavam uniforme de gala com o distintivo da EFP, hasteavam as bandeiras do Brasil, do Estado e da escola cantando os respectivos hinos, e os alunos do 3º ano transmitiam o distintivo aos novatos. A “receptividade encenada” era vista pelos jovens como “protocolar”, isso porque a violência dos trotes aos novatos e a rigidez nas relações cotidianas revelavam a hostilidade e o pouco acolhimento institucional. Essa experiência visibiliza o poder disciplinar da escola e seu potencial de reproduzir desigualdades^{16,20,21}.

Era nesse contexto, permeado por diferenças lógicas e modos de vida, que os adolescentes passavam o dia imersos numa intensa programação de aulas e atividades esportivas, culturais e alguns momentos de descanso. Para eles/as, essa rotina “disciplinar” gerava um clima de animosidade e dificultava o engajamento nas atividades propostas. Para driblar tal controle, colocavam seus corpos em movimento e agenciavam seus afetos, criando modos de existência: nas quadras e corredores, muitos deles ficavam vidrados nos celulares, enquanto outros comiam guloseimas, dançavam, grafitavam ou cochilavam. Os namoros eram frequentes, uma menina beijava o *crush*, outra abraçava sua companheira e um garoto acariciava o namorado, porém, volta e meia a inspetora separava as “duplas”, mas findada a abordagem, os casais retomavam as carícias.

No diálogo com a inspetora, descobrimos que a expressão “duplas” se referia aos casais homoafetivos. Tal eufemismo visibilizava as gramáticas inscritas nesse território e indicava formas sutis de discriminação e preconceitos^{16,21}. Os jovens que se autorreferiram gays, lésbicas ou bissexuais não raramente mencionavam o sentimento de “rejeição” e “desigualdade” por parte de outros estudantes e profissionais da escola, ainda que em minoria. O ambiente “heteronormatizador, controlador e disciplinador”²¹, somado a algumas práticas hostis e LGBTfóbicas, tem impactado negativamente a subjetividade dos jovens, causando prejuízos a suas vidas^{16,21}.

O discurso heteronormativo¹⁵, naturalizado em nossa cultura, modulava a organização do espaço escolar, a exemplo da clássica divisão dos banheiros segundo o sexo. Entretanto, essa regra nem sempre era respeitada, por conta dos banheiros danificados ou da falta de água na escola, exigindo que meninos e meninas frequentassem o mesmo espaço; ou por “vontade” dos estudantes – quando o banheiro era usado para “namorar”. Para os/as jovens, a lógica bi-

nária, dominante na EFP, desconsiderava outras identidades de gênero e restringia o direito à igualdade. À época, na EFP era debatida a normativa governamental²² que contemplava o direito “ao uso de banheiros, vestiários e demais espaços segregados por gênero, quando houver, de acordo com a identidade de gênero de cada sujeito” (art. 6º); e no art. 7º enfatizava que, “Caso haja distinções quanto ao uso de uniformes e demais elementos de indumentária, deve ser facultado o uso de vestimentas conforme a identidade de gênero de cada sujeito”. Apesar da relevância dessa medida, não houve nenhuma intervenção na arquitetura do ambiente escolar. De certa forma, tal resistência perpetua as práticas de segregação dos corpos considerados “desviantes” e os discursos edificados na moral sexual cristã^{9,15}.

O uniforme, de estilo da década de 1960, reiterava este enquadramento – meninas vestiam saia plissada azul, ainda que ocasionalmente era facultado o uso de calça comprida, enquanto os meninos vestiam calça de brim azul, e todos/as trajavam camisa branca com a logo da EFP. A tentativa de homogeneizar os corpos e apagar a diversidade de gênero não passava despercebida, as meninas frequentemente questionavam seus trajes dizendo “não gostar de usar saias” e sentirem “insegurança” em virtude de “elogios” machistas recebidos no trajeto casa-escola e vice-versa. A determinação de como se vestir e se comportar ou que ambientes frequentar definia um conjunto de regras e procedimentos de produção da verdade sobre o sexo-gênero-sexualidade no cotidiano escolar^{9,13,15,16,20}. Em última instância, criava gramáticas que geram interditos aos corpos que, corajosamente, biografam suas existências, lutando contra as iniquidades de gênero^{16,21}.

A sociabilidade também era construída por identificações afetivas e atravessada pelo enquadramento heteronormativo, como a clássica divisão em grupos de “meninos” e “meninas”. Era perceptível a constituição de grupos que se vinculavam por proximidade religiosa, prevalecendo a referência à prática católica ou evangélica; já a proximidade por cor de pele e classe social não foi anunciada, tampouco aprofundada, sendo um limite do estudo. Entre os jovens do PPJ, era nítida a organização por “grupinhos”, todavia acolhendo-se a diversidade de gênero, raça e religião. O diálogo sobre esses assuntos fluía de modo menos tenso, a exemplo de ações contra homofobia e intolerância religiosa lideradas por uma aluna que se autorreferia uma mulher negra, cisgênero e umbandista, e por um aluno ca-

tólico, homem gay e branco. Entre os estudantes que não participavam do PPJ, quando indagados sobre a relação entre sexualidade, religião e prevenção do HIV, evitavam se posicionar. Tais assuntos mobilizavam resistências, por isso vários estudantes se recusavam a participar do estudo. Apesar desse silenciamento, nas atividades de campo seguimos atentas aos “nós” interseccionais no cotidiano escolar^{7,8,12,16,21}.

Os discursos sobre sexualidade, prevenção do HIV, religião e racismo, entremeados por perspectivas conservadoras e progressistas, circulavam nos projetos PPJ e Gravidez na Adolescência, nas atividades extraclasse e eventos culturais (Quadro 1). Na disciplina de biologia no 2º ano, abordavam-se os seguintes conteúdos: sexualidade e sexo, reprodução, gravidez e métodos contraceptivos, genética, diversidade e sexo biológico, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e vida sustentável. Predominava o ensino da educação sexual sob o viés da moral-cristã, o que pode “reforçar o caráter perigoso da sexualidade”¹⁶ e minimizar as dimensões subjetivas e socioculturais intrínsecas aos saberes sobre sexo-sexualidade^{17,21}.

Nos corredores da EFP, murais e cartazes divulgavam informações contra o racismo, em defesa da tolerância religiosa e da diversidade de gênero. No acesso ao 2º andar, avistava-se um belo desenho de em rosto humano contemplando a diversidade de gênero; em um dos muros da quadra de esportes, a pintura de uma mulher ornamentava os sentidos do feminino, em outro se via um grafite com a caricatura de um homem vestido de terno azul batendo com um livro em um casal de meninos gays. Algumas dessas cenas integraram as cartas do jogo (Quadros 4 e 5).

Esse grafite gerou polêmica entre profissionais, alunos e pais. Um professor dizia: “A escola não pode estimular a violência”; outro reiterava que “isso é preconceito com as religiões evangélicas”; outra professora problematizava: “Esse trabalho mostra o que acontece na realidade e esse é nosso papel: formar cidadãos”. Em acordo com essa opinião, outro professor disse: “As imagens expressam um trabalho feito pelos alunos, o que eles vivenciam, aprendem e consideram importante dizer”. Quando perguntamos ao professor do PPJ sobre o feito, ele enfatizou: “A saída foi colocar uma interrogação no livro e deixar que cada um construa sua interpretação”. Tal controvérsia desvela a necessidade de romper “silenciamentos”, “violências” e “segregações” circunscritos ao dispositivo sexualidade-gênero-religião e evidencia a relevância desse debate na agenda de prevenção ao HIV^{8,12}.

A conjuntura política do país em 2017 e 2018 refletia as raízes desses acontecimentos. Nesse período, o então deputado Jair Messias Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), com o lema “Deus, pátria e família”, liderava a corrida à Presidência da República. Sua campanha endossava a artificiosa pauta da “ideologia de gênero”^{13,16,21}, que, orquestrada pelo movimento Escola sem Partido²¹, propunha a retirada dos conteúdos de gênero e sexualidade do currículo do ensino médio e o retorno compulsório do ensino religioso. Essa agenda messiânica era fortalecida por discursos conservadores que acirravam a ideia da centralidade da família no diálogo sobre a sexualidade com os adolescentes¹². No âmbito das políticas de prevenção ao HIV/Aids, efetivava-se o progressivo desinvestimento de campanhas, inclusive retirando da esfera pública as cartilhas que abordavam a saúde sexual e reprodutiva¹³, além da falta de testes e medicamentos no SUS^{1,2,4}. Enfim, como nos advertira o poeta, será que “vimos um mundo doente”?

Adolescência, sexualidade, normas de gênero e prevenção do HIV: (des)construções

O contexto institucional e sociopolítico atravessava as experiências dos estudantes, influenciando no modo como significavam a adolescência e as relações entre sexualidade e normas de gênero. Para os jovens, apesar de muitas vezes se sentirem tratados como “crianças”, a adolescência era reconhecida como um momento de “independência” e “responsabilidade”, bem como de “descobertas”, “incertezas” e “mudanças” em relação às escolhas profissionais ou às experiências afetivo-sexuais. Tal reflexão, colocada por outros estudiosos^{1,16,21,23}, desconstrói as práticas socioculturais que infantilizam ou desqualificam a adolescência e o adolescente e nos faz indagar: em que medida os espaços institucionais (escolas e unidades de saúde) criam condições para uma escuta ativa e atenta às subjetividades em jogo na adolescência?

Nas interações com os/as adolescentes, sustentamos a escuta ativa, acolhendo os afetos e as emoções manifestadas, principalmente diante de temas considerados sensíveis, como a sexualidade, uma vez que as mudanças psicológicas, físicas e nas relações sociais vividas na adolescência incidem nas decisões sobre saúde sexual²³. Por isso é crucial o diálogo aberto e franco sobre sexualidade⁹, como nos disse uma jovem: “Sexualidade é ser, é essência, é o ser humano, é vida, e precisamos falar sobre isso e quebrar esse

Quadro 5. Etapas de validação do jogo – Sexualidade e Prevenção do HIV.

A validação do jogo ocorreu em dois momentos distintos.

Primeira rodada, em 2017, durante a oficina

Participantes: pesquisadores, estudantes e professores.

Atividades:

- avaliação dos conteúdos, das imagens e da diagramação das 36 cartas;
- definição do tipo de jogo e das regras de jogabilidade (Quadro 3);
- escolha do nome do jogo – Sexualidade e Prevenção do HIV.

Segunda, em 2018, durante a Semana da Normalista

Participantes: 30 estudantes do 1º ano que desconheciam o jogo.

Atividades:

- avaliação das 36 cartas e as regras de jogabilidade validadas na 1ª rodada.



Fonte: Autores, com dados coletados durante as atividades de campo entre os anos 2015 e 2018.

tabu!” (A-11,16 anos). Outra jovem enfatizou que o assunto flui melhor entre amigos do que com os pais, afirmando: “É muito difícil conversar sobre sexo com a minha família” (A-27, 15 anos); e por uma mãe entrevistada durante o Sábado Solidário: “Não é por ser homem ou mulher, é coisa de jeito. Tenho dois filhos, e o menino prefere conversar sobre esse assunto com o irmão mais velho dele” (M, 2).

Para estudantes e pais, a escola mediava o diálogo sobre educação sexual, contribuindo para ultrapassar essa barreira comunicativa. A escola, mesmo com as hierarquias disciplinares, ainda é um espaço estratégico para problematizar os discursos que negligenciam ou silenciam as relações entre saúde sexual e reprodutiva, diversidade de gênero e prevenção do HIV^{6,12,16,17,21}. Igualmente, potencializa o desenvolvimento da educação entre pares, amplificando esse debate^{17,18}.

Em acordo com a literatura especializada^{1,12,16,18}, constatamos que a iniciação sexual continua despertando curiosidades entre adolescentes e orientando as intervenções técni-

co-científicas relativas à saúde sexual e reprodutiva. Apesar de os adolescentes parecerem empoderados e seguros de suas escolhas, na prática a iniciação das experiências sexuais aumentava a “pressão interna” e os “conflitos”. Algumas jovens expressaram “vergonha”, “pudor” e “medo”, uma delas nos disse: “Para a mulher, as coisas são mais escondidas e será que isso tem a ver com seu corpo?” (A-30,16 anos). Outra narrativa feminina endossava a percepção do controle do corpo da mulher²²: “A gente se priva do conhecimento do próprio corpo por conta de regras sociais sobre o que é certo e o que é errado, o que é ser homem e o que é ser mulher. Não é mole” (A-23, 17 anos).

Para eles/as, os discursos moralistas e reducionistas, associando a descoberta sexual feminina apenas ao “rompimento de uma pele”, cristalizam os “preconceitos concernentes à virgindade”. Nessa toada, eles/as seguiam decifrando os padrões hegemônicos de masculinidade²², em que o “homem deve perder a virgindade o mais cedo possível como prova de sua virilidade” (A-28, 18 anos) e a “mulher pode retardar tal

decisão”, no sentido de “se guardar para o futuro marido” (A-03, 16 anos). Esses discursos, reconhecidos por eles/as como machistas, se contrapunham ao que buscavam em suas experiências afetivo-amorosas. A desconstrução dos estereótipos das normas de gênero permanece tencionando o modo como os/as jovens significam seus corpos, seus desejos e sua sexualidade^{16,21-23}.

Nesse fio discursivo, a conversa em torno da identidade de gênero e da orientação sexual produzia ressonâncias. Para alguns adolescentes, “classificar” uma pessoa como “gay, lésbica ou cisgênero” significava normatizar a sexualidade. Para outros, a experiência de manifestar sua orientação sexual – “gay”, “lésbica” e “bissexual” – era vista como positiva, porém encontramos relatos de “insegurança e medo frente à essa descoberta” (A-05, 16 anos). O desconhecimento de como as práticas sexuais acontecem, entre cis heterossexuais ou entre as pessoas do mesmo sexo, ancorava “tabus” e “equivocos”. Comprovamos que, na atualidade, o dispositivo sexo-gênero-sexualidade configura novos regimes, gramáticas e significações, como enfatiza do por Paiva¹³ e Carrara¹⁵.

Os discursos sobre o risco de gravidez seguem no centro das preocupações, gerando “medo”, proliferando a ideia de “abstinência sexual ou de interdições ao sexo”, e com frequência a gravidez aparece associada à “interrupção dos estudos”, à “falta de apoio familiar” e do “parceiro”. Evidências afirmam a recorrência dessa percepção entre jovens^{1,12,21} e enfatizam que a gravidez na adolescência é uma situação vulnerabilizadora²⁴, por isso a “acuidade, competência teórica e técnica” são indispensáveis no trato desse assunto¹⁷.

As percepções de risco de gravidez apareciam vinculadas aos discursos do sexo seguro e da prevenção ao HIV, sob o enfoque biomédico e sociocultural^{12,16}. Uma das intervenções do PPJ dispunha, na entrada da EFP, um *display* com preservativos masculinos e femininos, e ao lado um cartaz com a mensagem: “Previna-se contra o HIV: use camisinha”. Nos corredores do 2º andar eram avistados cartazes de campanhas contra a Aids, um deles com a fotografia de jovens gays se abraçando e segurando uma camisinha. Em outro cartaz, a cantora Kelly Key, que quando adolescente encantava a juventude com o *hit* “Baba baby”, sensualizava a camisinha e, segurando-a na boca, dizia: “Mostre que você cresceu. Neste Carnaval, use camisinha”. A mensagem remetia, implicitamente, à estrofe “baba, a criança cresceu”, convocando o jovem a ter responsabilidade e a adotar o sexo seguro

e se prevenir contra o HIV. Na oficina, a análise dessas peças publicitárias pelos adolescentes mobilizou o diálogo sobre educação sexual e autocuidado, revelando o potencial desse tipo de metodologia nas práticas educativas^{13,19}.

Entre fluidos, segredos e desejos, a dimensão subjetiva modulava as práticas de sexo seguro e da prevenção do HIV. Muitos adolescentes relatavam que usar o preservativo “cortava o clima” e o “prazer”. Na trilha do prazer-desprazer, a confiança no parceiro balizava a prática do sexo (in)seguro. Muitos adolescentes, apesar de cientes do risco de ISTs e de gravidez, narravam: “Na verdade a gente só transa [sem camisinha] com quem a gente gosta e confia” (A-02, 17 anos). Um dos professores reafirmou esse pensamento: “Muitos [jovens] usam a camisinha no início do relacionamento, mas com o tempo, quando já confiam no parceiro, eles abrem mão dessa proteção”.

Na visão de uma adolescente, o sexo desprotegido estava relacionado às normas de gênero, pois “as meninas fazem sexo sem camisinha para agradar o parceiro” (A-31, 18 anos); outras já associavam essa situação à “falta de amor próprio”, à “insegurança” e ao “medo”. Um grupo minoritário expressou que o sexo desprotegido teria relação com o “desejo de constituir uma família”, embora alguns adolescentes admitissem que esse assunto nem sempre era dito no momento da “negociação” do uso do preservativo. Em termos de escolha do preservativo, prevalecia a camisinha masculina, tendo em vista que parte considerável das adolescentes desconheciam a “camisinha feminina”, e entre aquelas que conheciam, diziam “ter pouca familiaridade”, relatando que era “incômoda”, “horrorosa”, “desconcentrava”. Apesar da maior quantidade de mulheres na EFP, observamos que o preservativo feminino ainda era pouco distribuído na escola, tendo como justificativa a dificuldade de obtê-lo no SUS.

Apesar das iniciativas de prevenção ao HIV na EFP, notamos que o assunto ainda era visto como um tema sensível, por vezes silenciado. Muitos estudantes relatavam “vergonha de falar com professores e pais”, preferindo conversar com amigos ou profissionais de saúde:

A maioria dos jovens tem receio de contar para os pais que teve uma relação sexual, e quando descobre que tem uma doença, cresce muito mais esse receio. Então ninguém fala, vejo que é proibido ter HIV, é proibido você fazer sexo. Até que isso tem se quebrado, mas é o que está, vamos dizer assim, nas grandes famílias tradicionais (A-25, 17anos).

Os sentidos transmissão-prevenção do HIV apareciam vinculados, sendo unânime o reconhecimento de que “usar camisinha é a melhor forma de se prevenir do HIV e de outras ISTs, além de gravidez” (A-09, 18 anos), convergindo em direção a outras evidências científicas^{1,12,13,21,23,24}. Também conheciam a “contaminação” por compartilhamento de seringas e transmissão vertical, essa última foi mais enfatizada pelos estudantes do PPJ. Outros assuntos também mobilizavam curiosidades, a saber: diferenças entre as terminologias soropositivo para o HIV, sorodiscordantes e sorodiferentes; significados de carga viral (CD4e CD8); testagem; PrEP, PEP e PC; efeitos colaterais medicamentosos. Estudantes afirmaram que o pouco conhecimento ou o desconhecimento sobre PrEP, PEP e PC está relacionado às barreiras de acesso aos serviços e ao desinvestimento nas ações de comunicação de massa e no nível comunitário; percepção comum em outras realidades^{13,21,23}. Estudos indicam que a ausência da representação de adolescentes nos anúncios das campanhas pode despertar a ideia de que a PrEP não é para eles²³, por isso recomenda-se uma abordagem holística ao tema e sua inclusão nas políticas e programas de educação sexual^{1,2,13}.

Para alguns estudantes, a percepção das novas possibilidades de tratamento incidia na decisão de usar ou não o preservativo e construía as representações do HIV como “tratável” e “curável”, e por digressão dissociavam a antiga imagem da Aids – uma doença que tem cara (gays) e mata¹. No embalo das canções “Índios”, de Renato Russo, e “Ideologia”, de Cazuza, escolhidas pelos pesquisadores, discutiram-se os aspectos históricos da epidemia, como os estigmas relacionados à pessoa que vive com o HIV e a adesão às novas tecnologias de prevenção^{4,23}, de modo a engajar a juventude na luta contra a Aids. Encorajada por esse debate, uma adolescente contou que já havia feito o teste; em meio a risos de tensão, disse: “Ufa, foi um alívio ler ‘Negativado para HIV’” (A-011-, 18 anos),

reforçando a importância da testagem como prevenção²³. Não escutamos depoimentos de soropositividade para HIV entre os estudantes, não sendo possível inferir se havia caso de infecção. Constatamos que o desconhecimento dos processos de transmissão-prevenção do HIV promove vulnerabilidades^{16,18} e requer uma comunicação factual e contextualizada^{5,6,23}, de maneira que os jovens reflitam sobre suas experiências e se apropriem das informações científico-técnico disponibilizadas^{1,13}. Dessa forma, é importante afirmar as conquistas semânticas, subjetivas, socioculturais, biomédicas e pragmáticas da história da Aids na esfera pública^{2,4,8,13,16,21}.

Partidas (in)conclusas, o jogo continua?

Esta pesquisa seguiu a prerrogativa da escuta e da interação com o outro como condição do fazer científico. As experiências advindas desse encontro revelaram que o processo comunicativo construído na elaboração do jogo “Sexualidade e prevenção do HIV” conectou pesquisadores, professores e jovens e contribuiu para problematizar, de modo aberto, franco e contextualizado, temas a serem abordados na prevenção ao HIV na juventude, a saber: intersecções entre infecção por HIV, sexualidade, normas de gênero e religião; afetos e prazeres que determinam práticas sexuais protegidas (ou não); transmissão vertical; o direito de acesso à testagem, a PrEP, PEP e PC; os efeitos dos medicamentos na vida dos jovens.

A comunicação sobre a prevenção do HIV na juventude exige continuidade, metodologias problematizadoras e educação entre/por pares, de maneira a explicitar as gramáticas que buscam “desobjetificar” os corpos e tornar visíveis os “(d)efeitos da cor”, as dobradiças dos corpos que transitam entre os sexos e as normas sociais, a fé professada ou silenciada ou ainda o grito daqueles que se agarram com unhas e dentes nas bordas da vida.

Colaboradores

As autoras redigiram conjuntamente este manuscrito, participando das atividades de campo e análise de dados da pesquisa, esta coordenada pela primeira autora. A segunda autora elaborou os quadros e a primeira revisou a versão final do manuscrito.

Financiamento

A pesquisa contou com o financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), por meio de edital (E_28/2014) e do fomento de uma Bolsa de Iniciação Científica (E_26/200.501/2015) à segunda autora deste manuscrito, à época estudante da graduação do curso Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além do financiamento da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação no Edital de Recursos Educacionais Abertos (REA_2017).

Declaração de disponibilidade de dados

As fontes de dados utilizados na pesquisa estão indicadas no corpo do artigo.

Referências

1. Knauth DR, Pilecco FB. Prevenção da AIDS e do HIV entre adolescentes e jovens adultos em seis municípios brasileiros. *Saude Soc* 2024; 33(1):e230789pt.
2. Grangeiro A, Ferraz D, Magno L, Zucchi EM, Couto MT, Dourado I. Epidemia de HIV, tecnologias de prevenção e as novas gerações: tendências e oportunidades para a resposta à epidemia. *Cad Saude Publica* 2023; 39(Supl. 1):e00144223.
3. Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Boletim Epidemiológico HIV e Aids 2023*. Brasília: MS; 2023.
4. Calazans GJ, Parker R, Terto VJ. Refazendo a prevenção ao HIV na 5ª década da epidemia: lições da história social da Aids. *Saude Debate* 2022;46(n. esp.):207-222.
5. Karan A, Hartford E, Coates T. The potential for political leadership in HIV/AIDS communication campaigns in Sub-Saharan Africa. *Glob Health Action* 2017; 10(1):1270525.
6. Farias IF, Amaral AMR, Martins VH, Santos AK. Comunicação em saúde sobre HIV/Aids: mapeamento bibliométrico de artigos científicos internacionais (2007–2017) e caracterização dos artigos de acesso aberto (2017). *Em Questao* 2020; 26(3):173-195.
7. Nyatsanza T, Wood L. Problematizing official narratives of HIV and AIDS education in Scotland and Zimbabwe. *J Soc Asp HIV/AIDS* 2017; 14(1):185-192.
8. Cazeiro F, Leite JF, Costa AJ. Por uma decolonização do HIV e interseccionalização das respostas à aids. *Physis* 2023; 33:e33024.
9. Foucault M. *Ética, sexualidade, política. ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2014.
10. Aguiar K, Rocha ML. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. *Psicol Cienc Prof* 2007; 27(4):648-663.
11. Fischer RMB. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica; 2012.
12. Paiva V, Antunes MC, Sanchez MN. O direito à prevenção da Aids em tempos de retrocesso: religiosidade e sexualidade na escola. *Interface (Botucatu)* 2020; 24:e180625.
13. Mora C, Nelvo R, Monteiro S. Peças de comunicação governamental sobre profilaxia pré-exposição (PrEP) e pós-exposição (PEP) ao HIV (2016-2019): análise de seu conteúdo e circulação entre homens gays, mulheres trans/travestis e profissionais do sexo. *Saude Soc* 2022; 31(4):e210855.
14. Freire P. *Comunicação ou extensão?* Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1983.
15. Carrara S. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. *Mana* 2015; 21(2):323-345.
16. Bonfim J, Mesquita MR. Nunca falaram disso na escola: um debate com jovens sobre gênero e diversidade. *Psicol Soc* 2020; 32:e192744.
17. Silva CG, Borba PLO. Encontros com a diferença na formação de profissionais de saúde: juventudes, sexualidades e gêneros na escola. *Saude Soc* 2018; 27(4):1134-1146.
18. Ayres JRCM. *Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC; UERJ/IMS; ABRASCO; 2009.

19. Kelly-Santos A, Monteiro S, Ribeiro AP. Acervo de materiais educativos sobre hanseníase: um dispositivo da memória e das práticas comunicativas. *Interface Comun Saude Educ* 2010; 14(32):37-51.
20. Cezar MRA. As novas práticas de governo na escola: o corpo e a sexualidade entre o centro e as margens. In: Branco GC, Veiga-Neto A, organizadores. *Foucault: filosofia & política*. Belo Horizonte: Autêntica; 2013.
21. Matta TF, Taquette SR, Souza LMBM, Moraes CL. Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do ensino médio do município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saude Publica* 2021; 37(11):e00330820.
22. Brasil. Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais – CNCD/LGBT. Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015 [Internet]. 2015 [acessado 2024 out 13]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/old/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012>
23. Warzywoda S, Fowler JA, Dyda A, Fitzgerald L, Mullens AB, Dean JA. Acesso, adesão e uso da profilaxia pré-exposição por jovens: uma revisão sistemática de barreiras e facilitadores. *Ther Adv Infect Dis* 2024; 11:20499361241303415.
24. Cabral CS, Brandão ER. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. *Cad Saude Publica* 2020; 36(8):e00029420

Artigo apresentado em 30/07/2024

Aprovado em 24/07/2025

Versão final apresentada em 26/07/2025

Editores-chefes: Maria Cecília de Souza Minayo, Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva, Vania de Matos Fonseca